



CAPÍTULO 21

DOI: <https://doi.org/10.58871/ed.academic210823.v1.21>

REFLEXOS DO ISOLAMENTO SOCIAL NA SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO IDOSA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

REFLECTIONS OF SOCIAL ISOLATION ON THE MENTAL HEALTH OF THE ELDERLY POPULATION DURING THE COVID-19 PANDEMIC

LARA VENTO MOREIRA LIMA

UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás

ALINE BORGES DE OLIVEIRA

UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás

DANIEL EL JALISS SCHUH

UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás

GUILHERME CRISTOVAM PINA

UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás

ISABELA PINHEIRO ROCHA DA SILVA

UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás

JACKELINE DIAS DA CUNHA BORGES

UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás

MARIA JÚLIA TRAVASSOS

UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás

RAFAEL BRAGA DE SIQUEIRA

UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás

TIEMI FUKUSHIMA NEVES

UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás

THALITA BRAGA

UCB- Universidade Católica de Brasília

RESUMO

Objetivo: Esse trabalho trata-se de uma revisão integrativa de literatura que objetivou descrever os impactos do isolamento social, durante a pandemia da COVID-19, na saúde mental da população idosa. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão bibliográfica por meio da análise de publicações com intervalo temporal de 2020 a 2023, utilizando bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico (Google Scholar), usando descritores como “Assistência



em Saúde Mental”, “Atenção à Saúde do Idoso”, “Distanciamento Social” e “Infecções por SARS-CoV-2”. **Resultados e discussão:** A saúde mental é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um estado de bem estar, ou seja, não é relacionada apenas a ausência de doenças psiquiátricas, mas também à qualidade de vida. Nesse contexto, em relação a COVID-19, os idosos se tornaram um grupo de alto risco, com altas taxas de morbimortalidade pela doença, e foram a parcela da população que mais experienciou o isolamento social. **Considerações finais:** Dessa forma, estas pessoas passaram a apresentar sentimentos e sensações como medo, ansiedade, depressão e pânico, de forma intensa, onde muitos desencadearam problemas psicológicos que repercutiram em todas as áreas e vivências, incluindo a saúde física, diminuindo consideravelmente a qualidade de vida desses indivíduos.

Palavras-chave: Assistência em saúde mental; Atenção à saúde do idoso; distanciamento social; Infecções por SARS-CoV-2.

ABSTRACT

Objective: This work is a integrative literature review that aimed to describe the impacts of social isolation, during the COVID-19 pandemic, on the mental health of the elderly population. **Methodology:** A bibliographic review was carried out through the analysis of publications with a time interval from 2020 to 2023, using Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Google Scholar databases (Google Scholar), using descriptors such as “Mental Health Care”, “Health Care for the Elderly”, “Social Distancing” and “SARS-CoV-2 Infections”. **Results and discussion:** Mental health is defined by the World Health Organization (WHO) as a state of well-being, that is, it is not only related to the absence of psychiatric illnesses, but also to quality of life. In this context, in relation to COVID-19, the elderly became a high-risk group, with high rates of morbidity and mortality due to the disease, and they were the portion of the population that most experienced social isolation. **Final considerations:** In this way, these people began to present feelings and sensations such as fear, anxiety, depression and panic, in an intense way, where many triggered psychological problems that had repercussions in all areas and experiences, including physical health, considerably reducing the quality of life for these individuals.

Keywords: Mental Health Assistance; Health Care for the Elderly; Social distancing; SARS-CoV-2 infections

1. INTRODUÇÃO

O SARS-CoV-2 foi uma nova cepa viral na população humana, surgindo no final do ano de 2019, se espalhando rapidamente por todo o globo terrestre. Em 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou uma pandemia e uma emergência em saúde pública. Assim, a COVID-19 é uma doença de fácil transmissibilidade, principalmente pelo contato humano, atingindo de forma preferencial as vias aéreas, e pode se estender para outros sistemas, gerando diversos agravos e podendo levar a óbito (DOS SANTOS, 2021).

Nesse contexto, tem-se os idosos, considerados um dos maiores grupos de risco, com alta vulnerabilidade e suscetibilidade à doença, seja por possuírem um sistema imunológico fisiologicamente mais enfraquecido, ou por serem de uma faixa etária que possui uma alta

prevalência de doenças crônicas não transmissíveis, as quais podem ser responsáveis pela piora do quadro da COVID-19 (DE OLIVEIRA, 2023).

No mundo, os dados mostram que há cerca de 1,1 bilhão de idosos, e, em relação ao Brasil, os dados são de 29,9 milhões de pessoas acima de 60 anos. Os dados do COVID-19 demonstram uma maior taxa de mortalidade entre os indivíduos acima de 80 anos. Tem-se, portanto, que nesta faixa etária 14,8% dos infectados foram a óbito, comparado a 8,0% entre os idosos de 70 a 79 anos e 8,8% entre aqueles de 60 a 69 anos (HAMMERSCHMIDT, 2020).

Assim, com o avanço da doença, a medida mais eficaz e rápida encontrada na época foi o distanciamento social. No entanto, esse isolamento, apesar de essencial, trouxe aspectos negativos como um declínio na saúde mental da população, principalmente em indivíduos acima de 60 anos (DE LIMA MONTEIRO, 2021).

Desse modo, o distanciamento social como uma medida de prevenção, apesar de necessário, trouxe alterações emocionais significativas para o grupo supracitado. Os idosos, em uma pandemia, se mostraram mais suscetíveis a sentimentos de ansiedade, medo, depressão e pânico, tanto por serem um grupo de alto risco, como por estarem frente a uma doença nova e desconhecida, com diversas perdas de familiares ou amigos próximos (SILVA, 2022).

A pandemia e o isolamento social, trouxe, portanto, mudanças na saúde mental da população idosa, desencadeando tanto novos quadros de transtornos ansiosos, distúrbios de sono, transtornos depressivos e até estresse pós traumático, como agravando condições já pré-existentes (DE OLIVEIRA, 2023). Portanto, essa revisão integrativa justifica-se pela importância de avaliar os reflexos na saúde mental dos idosos em relação ao período pandêmico e a necessidade de distanciamento social, uma vez que já é uma parcela da população excluída socialmente, permeada de preconceitos e tabus (DE LIMA MONTEIRO, 2021).

2. METODOLOGIA

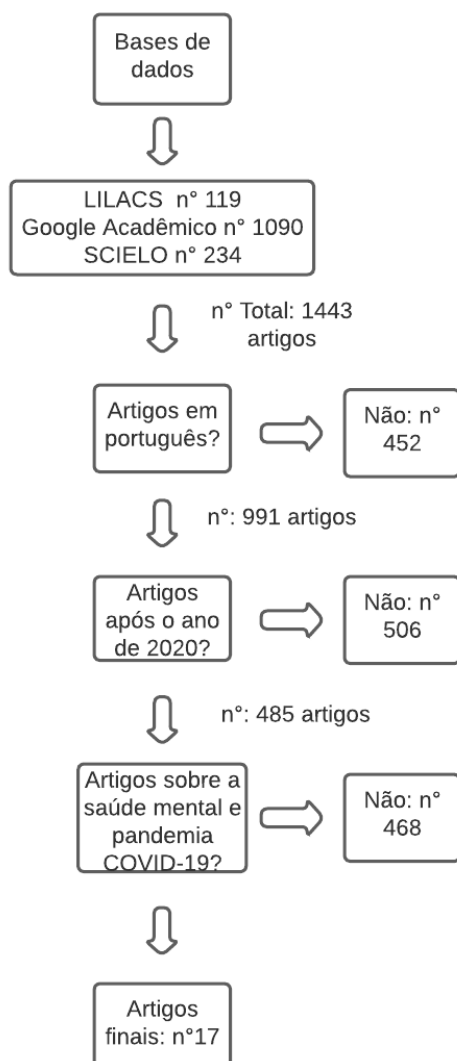
O presente estudo é de caráter descritivo, considerado uma revisão integrativa de literatura. As bases de dados utilizadas para a busca de artigos foram a dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico (Google Scholar) e o PubMed e foram selecionados apenas artigos originais publicados no período de 2020 a 2023. A pesquisa foi mediada pelos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Assistência em Saúde Mental”, “Atenção à Saúde do Idoso”, “Distanciamento Social” e “Infecções por SARS-CoV-2”. Como critérios de inclusão foram selecionados artigos originais completos, publicados entre os anos de 2020 e 2023, que tratavam sobre os impactos da pandemia e do isolamento social na saúde mental da

população idosa. Foram considerados critérios de exclusão os artigos em língua estrangeira, publicados antes de 2020 e que abordavam sobre a saúde mental dos idosos em outro contexto que não durante o isolamento social durante a pandemia da COVID-19.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado inicial da busca nas bases de dados resultou em 1443 artigos, sendo 1090 do Google Acadêmico, 119 do LILACS e 234 da SciELO. Para análise e compreensão do conteúdo dos artigos, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão. Em um segundo momento, foram excluídos 1443 artigos que atendiam aos critérios de exclusão. Por fim, foram selecionados dezessete artigos.

Imagem 01: Fluxograma do processo de exclusão e inclusão dos artigos



Envelhecer é um processo natural e inerente ao ser humano, e países de todo o mundo passaram ou vem passando pela transição demográfica, na qual há um aumento da expectativa

de vida e um alargamento da pirâmide etária. Como consequência, tem-se uma população cada vez mais idosa, e, juntamente com a alteração da demografia tem-se a transição epidemiológica. Dessa forma, observa-se as doenças alterando a sua prevalência conforme a população envelhece, sendo, atualmente, as enfermidades mais comuns aquelas que possuem maior relação com o avanço da idade (SCHLEICHER, 2022).

Entretanto, o envelhecimento não está necessariamente ligado a uma melhor qualidade de vida, principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil, em que o processo de transição ainda está ocorrendo de forma rápida e dissociada de políticas públicas eficazes para essa parcela populacional. Como consequência, tem-se um maior ônus para o sistema público de saúde, bem como para a previdência social, ou seja, para o Estado como um todo (SCHLEICHER, 2022).

Nesse cenário, surgiu o SARS-CoV-2, um novo vírus na população humana, que desencadeou uma nova doença, atingindo toda a população mundial. No início de 2020 foi declarada pela Organização Mundial de Saúde a pandemia por COVID-19, considerada uma das maiores emergências em saúde pública do século XXI. Esse vírus possui uma alta taxa de transmissibilidade, e atinge preferencialmente todo o sistema respiratório, podendo acometer outros sistemas de forma progressiva e rápida. Há também os riscos de complicações da doença, que aumentam com a idade, fazendo com que a população idosa se tornasse um grupo de alta vulnerabilidade, com maiores taxas de morbimortalidade (DE FARIAS MOREIRA, 2021)

Logo, durante a pandemia, os idosos se encontravam como um dos maiores grupos de risco, seja por um sistema imunológico mais frágil ou pela maior prevalência de doenças crônicas nessa faixa etária. Assim, a estratégia, à época, de curto prazo e com maior eficácia, para uma doença disseminada pelo contato humano, foi o distanciamento social, afetando diversas áreas da vida desses indivíduos, principalmente a saúde mental (CANALI, 2021).

O distanciamento social, portanto, foi inevitável para redução de mortes e danos, entretanto, mesmo sendo uma estratégia necessária tomada durante a pandemia, ela trouxe outros danos e prejuízos, principalmente para a terceira idade. Houve um crescimento de problemas psicossociais, assim como também mudanças negativas de hábitos, como o aumento do sedentarismo. Essa inatividade acabou trazendo tanto consequências físicas, como a piora ou o desenvolvimento de doenças crônicas, quanto doenças psicológicas, com ambas podendo se associar, pois uma é passível de desencadear a outra (NABUCO, 2020).

Logo, os efeitos psicossociais mais recorrentes durante o período de distanciamento social foram caracterizados por sensações de angústia, ansiedade, estresse e incertezas, associados a um grande desgaste emocional, com o medo iminente da morte, bem como as

diversas perdas pela doença, tanto de familiares quanto de amigos próximos da mesma faixa etária. A mídia também teve sua parcela nessa problemática, seja através de notícias repetitivas acerca do tema ou pela disseminação de *Fake News* (SOLOVIEVA, 2023).

Portanto, essas sensações desencadearam em diversas pessoas doenças como o transtorno de ansiedade, transtornos depressivos, transtornos do sono, síndromes de pânico e até sintomas de estresse pós traumático (TEPT). Já em outros indivíduos com doenças psiquiátricas pré-existente, ocorreu a piora do quadro durante a pandemia, com o distanciamento social e as incertezas e medos do momento vivido. (SOLOVIEVA, 2023). Para os idosos, essas foram as sintomatologias de maior prevalência durante o período pandêmico, seja por fazerem parte do grupo de risco, ou por serem uma parcela da população já excluída socialmente e permeada por diversos preconceitos e tabus, mesmo antes da pandemia. Assim, houve uma piora na exclusão e solidão desses idosos, em um período incerto, fazendo com que a saúde mental dessa parcela populacional tivesse um declínio significativo durante a pandemia da COVID-19 (PEDREIRA, 2022).

Assim, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), pode-se caracterizar a saúde mental como um estado de bem estar, no qual a pessoa possua a capacidade de usar suas habilidades próprias, recuperar-se do estresse do dia a dia, ser produtivo e contribuir com a sociedade em que vive. Dessa forma, a saúde mental vai além da ausência de doenças psiquiátricas, sendo relacionada, portanto, a uma boa qualidade de vida (SOLOVIEVA, 2023).

Logo, a solidão é um fator de risco para o aumento da mortalidade e desenvolvimento de doenças na população idosa, mesmo antes do COVID-19, e é considerada um problema de saúde pública, tendo aumentado significativamente durante o período pandêmico. É um dos fatores que afetam a qualidade de vida e a saúde mental dos indivíduos e compreende-se que a solidão durante o envelhecimento pode agravar a saúde em todas as esferas podendo, inclusive, levar ao óbito (DE OLIVEIRA, 2023).

Em relação ao gênero, a solidão e sentimento de tristeza tiveram maior incidência nas mulheres idosas durante a pandemia, e isso pode se relacionar com a sobrecarga que a mulher carrega durante toda vida a nível domiciliar, e que houve um aumento significativo de necessidade de cuidados no período pandêmico, seja o cuidado com o marido, netos ou outros familiares. Há também uma vulnerabilidade financeira da maioria das mulheres acima de 60 anos, pela forma como foi socialmente significada, a desvalorização da sua mão de obra e o pouco acesso ao mercado de trabalho, tornando-se dependentes financeiras dos cônjuges ou familiares, o que se intensificou neste período (DE OLIVEIRA, 2023).

Outro fator que pode ser associado ao declínio da saúde mental dos idosos durante a pandemia é a questão financeira. Houve, de forma geral, problemas financeiros vivenciados por grande parte da população, em decorrência da pandemia e dos sucessivos *lockdowns*, fazendo com que a economia parasse. Muitos idosos apresentaram uma maior dependência econômica dos familiares, gerando constrangimento e mudanças nos hábitos de vida, bem como na forma de se relacionar. Outros, que se mantinham ativos no mercado de trabalho, geralmente de modo informal, precisaram interromper o ofício, assim como houveram casos da perda de um dos cônjuges, afetando também os ganhos mensais (PECOITS, 2021).

Há também o fato dos idosos com menor renda se mostrarem mais sujeitos a infecção com o novo vírus, através da necessidade do uso de transporte público, moradias pequenas, com poucos cômodos e com um grande número de familiares, bem como a necessidade de quebra do *lockdown* para a sobrevivência, se tornando um grupo ainda mais vulnerável, tanto em relação a doença quanto ao desenvolvimento de problemas psicológicos, afetando a saúde mental e a qualidade de vida destes (DE OLIVEIRA, 2023).

Sabe-se que quando o lado financeiro é afetado, há prejuízos na qualidade de vida, associado a uma diminuição na aquisição de bens de consumo, seja alimentos ou medicamentos, podendo trazer prejuízos psicológicos devido a angústia e ansiedade sobre não conseguirem se manter durante a pandemia, assim como a pressão familiar e a sensação de incerteza e impotência frente a uma nova realidade sem previsão de mudança (DE OLIVEIRA, 2023).

Nesse cenário, o medo é um dos gatilhos para a produção de níveis elevados de estresse e ansiedade, e, durante a pandemia, a inconstância do momento, o medo de adoecer ou a doença afetar familiares e amigos eram bastante presentes na vida da população, principalmente nos idosos. Como consequência, o indivíduo passava por momentos intensos de estresse, que é caracterizado por uma reação do corpo quando há uma exposição elevada a demandas, e traz riscos biológicos e psicológicos ao organismo (PEREIRA, 2022).

Momentos de estresse, no entanto, podem ser fisiológicos frente a ameaças, e servem para alertar o organismo, que irá responder através de algumas alterações físicas e emocionais para a sobrevivência. Em casos em que esse estresse é crônico, ou associado a transtornos ansiosos, como nos casos referentes a preocupação com a repercussão da pandemia, há um desequilíbrio no corpo humano, ocasionado diversas doenças (PEREIRA, 2022).

Já a ansiedade também pode ser fisiológica, relacionada ao estado de alerta, podendo se tornar patológica quando relacionada à preocupação excessiva com o futuro. No período pandêmico, as pessoas possuíam diversas incertezas, sobre como o mundo seria após o COVID-19, se a vida voltaria a ser como antes, se cessaria o isolamento e o distanciamento social, se

haveria melhora nas situações vividas e se seria possível o surgimento de tratamento e vacinas para prevenção, o que contribuiu para o sentimento de ansiedade em toda a população, com maior prevalência em relação aos idosos (SOLOVIEVA, 2023).

Há também a questão da percepção sobre a própria saúde mental que os idosos possuem. Um estudo na Escócia com 190 idosos revelou que 85,1% afirmaram ter uma boa saúde mental e emocional antes da pandemia e do distanciamento social, e durante as medidas de proteção o número foi para 68,6%. Também foi relatado que quase 40% do idosos entrevistados passaram a se sentir mais estressados, e quase 30% referiram sentimento de solidão em consequência do *lockdown* (PEDREIRA, 2022).

Durante a pandemia, o distanciamento da maioria das pessoas pode ser minimizado através das mídias sociais e eletrônicos, entretanto, grande parte da população idosa possuía dificuldade em lidar com esses aparelhos. Houve também uma diminuição do acesso a saúde, principalmente para o tratamento de doenças que não o COVID-19. Assim, doenças crônicas não transmissíveis, bastante prevalentes na população idosa, como diabetes *mellitus*, hipertensão arterial sistêmica e câncer, receberam um tratamento de menor qualidade, ou não receberam nenhuma terapêutica, agravando os quadros, desencadeando sentimentos de incerteza, abandono e ansiedade sobre a possibilidade de um pior prognóstico com o avanço das doenças que iam além da COVID-19 (DE LIMA MONTEIRO, 2021).

É importante citar que, com a pandemia e a necessidade do distanciamento social, muitos idosos interromperam atividades que antes traziam bem-estar e convívio social, e auxiliavam na preservação da saúde mental e na cognição. Essas atividades geralmente se relacionavam com a religião, ou encontros destinados a essa parcela da população, como dança, atividades de pintura, ou até mesmo reuniões informais nos centros de convivência das cidades. (DOS SANTOS, 2021).

Dessa forma, estudo de coorte, realizado no município de Campo Grande, durante 03 anos, com 90 idosos e pôde observar uma queda das funções cognitivas relacionando o período antes e após a pandemia. O declínio ocorreu em ambos os sexos, independente da escolaridade e estado civil. Logo, a pandemia trouxe impactos diretos na cognição dos participantes (SILVA, 2022).

Houve impactos também nos cuidadores dos idosos, principalmente informais, em sua maioria familiares. Um estudo transversal com cuidadores informais de idosos do Ambulatório da Universidade Federal de São Carlos, no ano de 2021, entrevistou 50 cuidadores. Foi constatado que a maioria dos cuidadores era do sexo feminino e de meia idade, e obteve como resultados que, durante o período pandêmico, houve maiores níveis de sobrecarga e elevação

de sintomas de ansiedade e depressão. Isso acabou repercutindo na saúde mental do próprio idoso, uma vez que o indivíduo sobrecarregado e esgotado muito dificilmente irá conseguir oferecer um suporte físico e emocional a pessoa cuidada (SILVA, 2022).

Em relação ao cuidado dos idosos, durante a pandemia constatou-se um aumento da violência contra a pessoa idosa, seja psicológica, física, sexual, patrimonial ou institucional. A crise econômica fez com que muitos idosos fossem morar com algum familiar, isso fez com que a violência doméstica contra os idosos aumentasse, e relaciona-se a isso um afloramento das vulnerabilidades já existentes antes do período pandêmico, como a falta de políticas multidimensionais e abrangentes em relação a saúde e segurança do idoso, o preconceito social sobre esses indivíduos e, também, pode-se citar a sobrecarga do cuidador (MORAES, 2020).

Assim, pode-se afirmar que a pandemia trouxe repercussões negativas para a saúde mental do idoso, sendo o sentimento de solidão a sensação mais encontrada nas pesquisas, desencadeando quadros de estresse, ansiedade e depressão. A maioria dos idosos experienciaram o medo e a incerteza do futuro, bem como a perda de familiares e conhecidos, o que acarretou um enorme sofrimento psíquico e desgaste emocional. As pessoas idosas mostraram-se, portanto, mais vulneráveis a efeitos psicológicos de uma pandemia, sendo o grupo com menor acesso a saúde mental (SASAKI, 2023).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises bibliográficas, essa revisão integrativa conclui que, durante a pandemia da COVID19, houve a necessidade do distanciamento social, para prevenção de danos e diminuição das taxas de mortalidade, uma vez que o vírus SARS-CoV-2 tem como principal modo de disseminação o contato direto. Entretanto, houveram consequência negativas relativas a esse isolamento, principalmente em relação a saúde mental da população idosa. É sabido que indivíduos acima de 60 anos foram a parcel populacional mais afetada pela doença, apresentando altas taxas de morbimortalidade, fazendo-se preciso um isolamento mais intenso. Desse modo, durante uma pandemia, a população idosa apresentou um declínio em relação a saúde mental, suscetível a sintomas ansiosos, depressivos e de solidão, associados as medidas de distanciamento social. Logo, o presente estudo destacou os fatores prejudiciais à saúde mental da população idosa durante o período pandêmico, bem como as consequências emocionais e o aumento de distúrbios psiquiátricos como transtornos ansiosos, transtorno depressivos, distúrbios do sono e estresse pós traumático



REFERÊNCIAS

- CANALI, Analise Lasari Peres; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. Agravos à saúde mental de pessoas idosas frente a COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, p. e50210716947-e50210716947, 2021.
- DE FARIAS MOREIRA, Ericka Maria; DE SOUSA, Milena Nunes Alves. Olhares sobre o impacto do isolamento social à saúde mental do idoso. **Journal of Medicine and Health Promotion**, v. 6, p. 234-244, 2021.
- DE LIMA MONTEIRO, Iane Verônica; DE FIGUEIREDO, Juliana Freire Caetano; CAYANA, Ezymar Gomes. Idosos e saúde mental: impactos da pandemia COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, 2021.
- DE OLIVEIRA, Ana Carolina Lopes Cavalcanti et al. As implicações do distanciamento social à saúde psicossocial do idoso em tempos de pandemia. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 1, 2023.
- DE OLIVEIRA, Vinícius Vital et al. Impactos do isolamento social na saúde mental de idosos durante a pandemia pela Covid-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 3718-3727, 2021.
- DOS SANTOS, Regina Consolação et al. A saúde mental dos idosos diante o distanciamento social em tempos de COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 87374-87384, 2021.
- HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida et al. Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19. **REVISTA COGITARE ENFERMAGEM**. v. 25, 2020, 2020.
- MORAES, Claudia Leite de et al. Violência contra idosos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: contribuições para seu enfrentamento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4177-4184, 2020.
- NABUCO, Guilherme; DE OLIVEIRA, Maria Helena Pereira Pires; AFONSO, Marcelo Pellizzaro Dias. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde? **Revista Brasileira de medicina de família e comunidade**, v. 15, n. 42, p. 2532-2532, 2020.
- PECOITS, Roberta Vieira et al. O impacto do isolamento social na saúde mental dos idosos durante a pandemia da COVID-19. **REVISTA AMRIGS**, 2021.
- PEDREIRA, Rhaine Borges Santos et al. Impactos reais e/ou potenciais da pandemia de COVID-19 na saúde mental de idosos. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 26, n. 3, 2022.
- PEREIRA, Daniela; FERREIRA, Sofia; FIRMINO, Horácio. O Impacto da Pandemia COVID-19 na Saúde Mental da População Geriátrica. **Revista Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental**, v. 8, n. 2, p. 49-57, 2022
- PEREIRA, Joyce Regina et al. Avaliação do medo e estresse pelo idoso na pandemia do novo coronavírus: um estudo transversal. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, 2022.



SASAKI, Raina; AGUIAR, Aline Cristiane de Sousa Azevedo; MARTINS, Lucas Amaral. Repercussões do isolamento social em pessoas idosas durante a pandemia da COVID-19. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 12, p. e4795-e4795, 2023.

SCHLEICHER, Maira Lidia. Repercussões da Covid-19 na terceira idade: percepções de idosos e de enfermeiros que atuam na atenção primária à saúde. 2022.

SILVA, Giuliana Duarte de Oliveira da et al. Sobrecarga e sintomas psicológicos em cuidadores informais de idosos na pandemia da COVID-19. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 43, 2022.

SILVA, Thaís Cardoso da et al. Impacto da pandemia da covid-19 nas funções cognitivas e motoras de pessoas idosas: um estudo coorte de 3 anos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 25, p. e220146, 2022.

SOLOVIEVA, Yulia et al. Impacto da pandemia sobre a saúde mental dos idosos. **SAÚDE MENTAL: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E ANÁLISES PÓS-ISOLAMENTO SOCIAL**, v. 1, n. 1, p. 32-40, 2023.